

PRESSUPOSTOS DA IDENTIDADE POPULAR: ASPECTOS REFLEXIVOS

Renata Coppieters Oliveira de Carvalho – renatacopi@gmail.com

Moises dos Santos Viana – tutmosh@hotmail.com

Resumo: O objetivo deste ensaio é refletir aspectos identitários na cultura popular, sob o pressuposto de que tal tema é atual e necessário para compreensão das identidades contemporâneas, bem como a sua formação e qualificação como metáfora na vida dos sujeitos sociais, ou seja, ela deixa de ser sólida e passa pela fragmentação no tempo atual. Dividido em duas reflexividades: a) Reflexividade I destaca como a cultura se relaciona como matriz que concebe as identidades; b) Reflexividade II leva a refletir sobre como esta mesma identidade se conecta a produção cultural, ditas como popular em oposição às produções culturais hegemônicas que se encontram no capitalismo. Assim, tendo como método a reflexão em um estilo ensaístico, utiliza-se o conceito de identidade de Canclini (2000), Hall (2003) e Bauman (2003), e para cultura popular utiliza-se autores como Chartier (1995) e Ayala; Ayala (2006). Tudo isso permite a compreender as identidades como algo vivo, um organismo em constante transformação em suas diversas formas de conexões nas mais diversas ações sociais. Assim, destaca-se que a identidade popular parece tomar uma compreensão momentânea de resistência em um contexto cultural típico exaltando elementos de diferenciação numa dinâmica de (re) leitura dos acontecimentos passados paralelamente com fatos contemporâneos.

Palavras-chave: Cultura popular; Identidade; Contemporaneidade.

ASSUMPTIONS OF FOLK IDENTITY: REFLECTIVE ASPECTS

Abstract: The goal of this essay is to reflect aspects of identity in folk culture, under the assumption that this theme is present and necessary for understanding contemporary identities as well as their training and qualification as a metaphor of social life subjects, in other words it ceases to be solid and passes by fragmentation at the present time. Divided into two reflectivities: a) Reflectivity I highlights how culture relates to mother conceives identities b) Reflectivity II leads to a reflection on how this same identity connects cultural production, folk culture in opposition to the hegemonic cultural productions that lie in capitalism. So, this reflection method is a essayistic style, using the concept of identity of the Canclini (2000), Hall (2003) and Bauman (2003), and popular culture is used Chartier (1995) and Ayala; Ayala (2006). All this allows to understand identities as a living thing, an organism in constant transformation in its various forms of connections in various social activities. So, it is emphasized that popular identity seems to take a momentary understanding of resistance in a typical cultural context extolling elements of differentiation in a dynamic review of past events at the same time if the contemporary facts.

Keywords: folk culture; identity; Contemporaneity.

Introdução

O grau de integração dos sujeitos sociais à estrutura social e cultural que os cercam, definem sua identidade (BAUMAN, 2003a). Nessa perspectiva, observa-se o avanço da modernidade capitalista globalizada sobre os saberes tradicionais, ocorrendo no risco de desaparecimento de visões de mundo e suas contribuições originais, por não mais se encaixarem nas necessidades da vida moderna ou mesmo por não estarem em consonância com a lógica de produção cultural na atualidade. Tais saberes tradicionais não fazem parte das identidades modernas, mas encontram-se em contraponto ao mecanismo moderno de produção cultural pois possuem certas características pré-modernas: ritualidade, religiosidade e festividade (GIDDENS, 1991).

Por isso a questão da cultura popular nas manifestações específicas como geradora e matriz de identidades se torna evidente problema do tempo odierno, que para Bosi (2007) é evidenciado por conta da ordem sócio-econômica que contextualiza a história, formando uma noção de identificação, metáfora de pertença à comunidade, que liga os sujeitos sociais à produção cultural.

O objetivo deste ensaio é refletir aspectos identitários na cultura popular, sob o pressuposto de que tais aspectos são compreensíveis como metáfora: reflexividades. A identidade, na contemporaneidade, toma um aspecto peculiar estético, intersubjetivo, interculturalizado, relativo e fragmentado. Parece não haver identidade uniforme, determinada, mas identidades perpassadas pelas variações contextuais, como narrativas sobre si e seu estado de vida: “Desse modo, a identidade é construída historicamente por memórias, símbolos e sempre aponta para um determinado agir, descrevendo como o indivíduo pode ser e como a comunidade deve se constituir estruturalmente” (VIANA, 2011. p. 176).

Assim, o presente ensaio se divide em duas partes, uma chamada Reflexividade 01, que destaca como a cultura se relaciona na concepção das identidades, e Reflexividade 02, como esta mesma identidade se conecta a produção cultural, ditas como popular em oposição às posições hegemônicas capitalistas.

Reflexividade 01: formação das identidades

A formação do mito (narrativa) sobre “quem sou”, fortalecido na tipicidade sociocultural no tempo e no espaço, alarga-se e toma seu lugar na cultura e por isso se torna uma espécie de ligamento entre sujeito e estrutura, constituindo-se um discurso peculiar ao contexto social, por isso formando identidades.

A produção social da identidade na medida em que passa pela definição das expressões orais e escritas como forma de medir a relação do ser humano com a natureza e consigo mesmo, é um dos elementos de ação política para delinear a própria construção de sentidos de uma comunidade e, de certa forma, o próprio sentido de ser uma comunidade (MARTINO, 2010, p. 101).

Daí um universo de símbolos como um todo, com as manifestações culturais e representações que se expressam muito além de uma identidade subjetiva “[...] um sujeito único e que é, ao mesmo tempo, o reconhecimento individual dessa exclusividade. A consciência de minha continuidade em mim mesmo” (BRANDÃO, 19-- , p. 327). Entretanto, é mister fundamentar essa impressão acerca da identidade, pois as interrelações socioculturais acontecem no contexto da sociedade, ou seja, o sujeito se identifica nos sistemas construídos a partir de uma dialética histórica com seu meio.

Usa o conceito ‘identidade’ refere-se ao ponto de convergência encontro, o ponto de sutura entre, por um lado, os discursos e práticas que tentam ‘interpretá-los’, falamos e o pomos em nosso lugar como sujeitos sociais com discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constituem como sujeitos susceptíveis de ‘dizer-se’ (HALL, 2003, p. 20, tradução nossa).

Por isso, é de interesse salientar que a identidade é constituída no grupo, pertence ao grupo e com o sujeito de uma forma dialética se cristaliza como elemento seguro para sobreviver enquanto ser humano. O outro vai determinar o reconhecimento do sujeito enquanto detentor de uma identidade pessoal. A comunidade serve como um mecanismo de encontro para o auto-reconhecimento dos sujeitos membros da sociedade. Os discursos como o modo de apresentação subjetiva faz a ponte na relação identitária, tornando-se uma expressão da identidade da comunidade no resto da sociedade.

A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica 'sutura') o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis (HALL, 2000, p. 12).

Como destaca Hall (2000), a identidade na contemporaneidade parece manifestar-se sob a fragmentação da pós-modernidade, pois reflete uma realidade sem contexto e sem expressões sólidas que garantam uma segurança ao sujeito. Apesar do rompimento de barreiras de tempo e espaço, que eram determinantes para a permanência das culturas tradicionais e suas identidades, as relações sociais continuaram com suas interações e reestruturações de forma fluida, exigindo adaptações constantes. Bauman (2003a) salienta também que a identidade é reafirmada comunitariamente quando há o temor e o perigo, diante das incertezas, por tanto, na adversidade ontológica, e por isso recorre-se aos símbolos, à casa metafórica da cultura, ao *ethos* que apenas o sinal de identificação para compor a identidade.

Pensamos a identidade quando não estamos seguros do lugar que pertencemos; é dizer, quando não estamos seguros e como nos situamos na evidente variedade de estilos e formas de comportamentos e fazer com que as pessoas que nos rodeiam aceitem nosso comportamento como correto e apropriado, a fim de que todos saibam como atuar na presença do outro. 'Identidade' é um nome dado a busca de saída dessa insegurança (BAUMAN, 2003a, p. 41, tradução nossa).

Assim, a tradição cultural proporciona uma dialética no processo de identidade dos sujeitos, que imersos no contexto da sua comunidade, vêem sua realidade se transformar drasticamente e com ela as certezas e estruturas de outrora, porto seguro da identidade (BAUMAN, 2003b). Desse modo, o universo das construções dessa identidade típica na contemporaneidade foi se fragmentando, por exemplo, em meio a migração do campo para cidade desraigando os sujeitos que deixam seu lar e vão para o ambiente onde a tradição cultural rural é marginalizada, tal como seus produtores e usuários:

[...] 'estados de consciência dispersos, fragmentados, em que coexistem elementos heterogêneos e diversos estratos culturais tomados de universos muito diferentes. O folclore mantém certa coesão e resistência em comunidades indígenas ou zonas rurais, em espaços urbanos de marginalidade extrema', mas mesmo ali cresce a reivindicação de educação formal. A cultura tradicional se encontra exposta a uma interação crescente com a informação, a comunicação e os entretenimentos produzidos industrial e maciçamente (GARCIA CANCLINI, 2000, p. 253).

Esse contraste da periferia, a fronteira do campo, pré-moderno com a cidade, moderna, causa perplexidade e uma marginalidade instabilizadora (TRIGUEIRO, 2008). Na perspectiva de Giddens (1991), o pré-moderno tem características específicas que foram esquecidas, rompidas e negadas na modernidade: relações de parentesco; comunidade local; cosmologias; e tradição. O sociólogo destaca que as relações de parentesco, valores familiares, marca a estabilidade diante do caos da natureza e do mundo dos homens. Por sua vez também a comunidade local é onde as relações macro-sociais são construídas, indo além do clã, mas dentro de uma perspectiva comunitária localizada e pontual, pois no local havia segurança, havia as cobranças, mas ainda as formas de proteção para os sujeitos da localidade.

Para o pensador inglês, outra característica que diferencia o moderno do pré-moderno são as visões cosmogônicas religiosas, as crenças que proporcionam moralmente direções para as práticas sociais e pessoais, direcionando os efeitos de sentido sobre o mundo e a natureza (ideologia), representa uma segurança para o fiel: “E o que é mais importante, as crenças religiosas tipicamente injetam fidedignidade na vivência de eventos e situações e formam uma estrutura em termos da qual eles podem ser explicados e respondidos” (Idem, p.94). Por fim, outra dimensão da pré-modernidade é a tradição, não se assemelha a religião enquanto “corpo específico”, mas se direciona na composição tempo-espaço, pois orienta o presente e o futuro a partir do passado, em outras palavras o passado é posto como rotina, nas atividades praticadas e intrinsecamente vividas pelos sujeitos. Essas práticas não são meras repetições, trazem em si elementos significativos e interpretativos da realidade, torna-se ritual:

O ritual tem freqüentemente um aspecto compulsivo, mas ele é também profundamente reconfortante pois impregna um conjunto dado de práticas com uma qualidade sacramental. A tradição, em suma, contribui de maneira básica para a segurança ontológica na medida em que mantém a confiança na continuidade do passado, presente e futuro, e vincula esta confiança a práticas sociais rotinizadas (GIDDENS, 1991, p.95).

Giddens (1991) analisando o contexto moderno identifica que há um desencaixe das relações espaço-tempo na modernidade, o que se diz “lugar” não é mais reconhecido como práticas de vivência, pois não é o local da origem dos sujeitos que aí moram, os sentimentos de pertença e identificação estão desencaixados, a comunidade não tem mais as relações fortes das condições de parentesco, ela não é mais a família, as pessoas que se relacionam não mais tem ligações íntimas, desarticulando as identidades. As tradições rompidas e o passado não mais direciona o presente e o futuro, na constituição do sujeito, há daí uma

instabilidade e insegurança, não há mais a estabilidade, a confiança no outro, mas a ameaça que se faz no tempo e espaço (GIDDENS, 1991).

O discurso de pertença e seus símbolos são, então, ressignificados dialeticamente de forma que novas identidades sejam (re) construídas, às ações da liquidez da contemporaneidade que se impõe sobre a comunidade que está em constante processo de negação e de afirmação dos grupos que nela está inserida, tomando um aspecto de insegurança, ameaça a vida e a integração do sujeito à estrutura (BAUMAN, 2003b). O reconhecimento de si no semelhante é o porto seguro diante das dificuldades contemporâneas.

Como observou recentemente Eric Hobsbawm, 'a palavra 'comunidade' nunca foi utilizada de modo mais indiscriminado e vazio do que nas décadas em que as comunidades no sentido sociológico passaram a ser difíceis de encontrar na vida real'; e comentou que 'homens e mulheres procuram por grupos a que poderiam pertencer, com certeza e para sempre, num mundo em que tudo se move e se desloca, em que nada é certo' (BAUMAN, 2003b, p. 20).

Tal como a questão da cultura como a proteção do Homem na sua perspectiva de sobrevivência diante das ameaças da natureza, a comunidade irá proteger o indivíduo dos diversos problemas e ameaças sociais que possam desintegrar o que já está fragilizado. A mutação do tempo das estruturas sociais, simbólicas e referenciais, causando perplexidade e medo. No entanto, a cultura em seu viés aconchegante e seguro, de uma forma geral, e a cultura popular, de uma forma mais específica, apontam para uma reflexividade (a própria cultura), o narrar sobre si e sobre o mundo, resgatando novas perspectivas de sobreviver e de responder os anseios identitários.

Reflexividade 02: cultura popular

As identidades (re) construídas dialeticamente entre o sujeito e a comunidade fazem-se presentes sob a perspectiva da cultura. Daí as grandes teorias em diversas áreas do conhecimento que tentam explicar o conceito de cultura. Entretanto, não é interessante divagar sobre elas. Assim, assume-se o conceito antropológico de Clifford Geertz (1989) que afirma que a cultura seria como teias construídas pela humanidade, inter-relações textuais que prendem e que devem ser interpretadas como tal:

[...] o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo

teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto não como uma ciência experimental em busca de leis, mas uma ciência interpretativa à procura de significado (GEERTZ, 1989, p.15).

Para entender a cultura, pode-se elencar e selecionar informações, transcrever textos, interpretá-los como sendo esquemas de estruturas e significantes como reafirma o referido autor, conjunto sistemático de signos interpretáveis que se expressam assim por símbolos a serem lidos sob vários olhares:

Cultura é um sistema – transmitido socialmente (aprendizagem) – capaz de prover a adaptação e a assimilação do Homem ao meio ambiente e de interpretá-lo (Natureza) que se desdobra nas dimensões material (técnica) e simbólica (linguagem). A cultura possui uma função significativa, constitui redes simbólicas que, do ponto de vista normativo cria padrões de comportamento e do ponto de vista cognitivo cria um conjunto de crenças e representações que possibilitam a compreensão e justificação da experiência humana (*ethos/mytos*). Estas redes, simbólicas incluem a própria cultura (reflexividade), se inscrevem inconscientemente nos indivíduos e comunidades e transformam historicamente.¹

Desse modo, é possível concordar com o antropólogo quando diz que cultura é “apoiar amplas afirmativas sobre o papel da cultura na construção da vida coletiva empenhando-as exatamente em especificações complexas” (GEERTZ, 1989, p. 38). A complexidade emerge da necessidade humana e nela se faz presente, nutrindo a resposta que temos sobre a cultura e sobre as interrelações entre o sujeito e o contexto que ele vive formando seu discurso, que na verdade não é dele, mas da comunidade onde ele está inserido. Cada sociedade tece a teia da cultura que se vive e não pode mais viver sem ela: “[...] sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção à nossa vida” (p. 64). Por isso mesmo, o processo cultural seria então dialético, histórico e variável em diversos aspectos contextuais. Para cada tempo e espaço, tem-se um modelo específico de cultura, um modelo antropológico a ser seguido, indo de encontro à concepção moderna de cultura, matematicamente determinada, conceitualmente ocidental. Nesse caso, Hall (2005) destaca a universalidade da cultura na vida das pessoas e na sociedade desde as atividades mais cotidianas às mais complexas atividades humanas, mas que está em conflito, dado que é uma relação de contrastes, que se vê escrita nas transformações postas, pela modernidade e pelo capitalismo.

¹ DRAWIN, Carlos Roberto. O conceito de cultura. In: Antropologia Filosófica I. Bacharelado em Filosofia ISI-FAJE, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2006 (Notas de aula não publicadas).

Elas mostram uma curiosa nostalgia em relação a uma 'comunidade imaginada', na verdade, uma nostalgia das culturas vividas de importantes 'locais' que foram profundamente transformadas, senão totalmente destruídas pela mudança econômica e pelo declínio industrial (HALL, 2005, p. 01).

A partir daqui pode-se tomar a perspectiva que há diversas culturas, inclusive na sociedade brasileira com suas peculiaridades e especificidades dispare, ricas, abrangente e contraditória em seu aspecto dialético. No entanto, essa variação se contrasta com o mesmo, o repetido, o material e historicamente determinado. A cultura, desse modo se insere numa perspectiva de condições de produção determinadas e assim toma um escopo próprio de onde é produzida e vivenciada.

Na perspectiva de Bosi (2007, p. 19), Há a existência de duas culturas em diálogo na comunidade ocidental moderna: uma é a que se aspira com erudição e a outra e a que se vive na realidade: "Empobrecedora para a nossa cultura é cisão com a cultura do povo: não enxergamos que ela nos dá agora lições de resistência como nos mais duros momentos da história da luta de classes" (p. 28). As perspectivas referentes ao ponto de vista da cultura popular emergem junto à cultura erudita a partir do século XVI com a ascensão do conhecimento instrumentalizado e dicotomizado pela ciência moderna:

A partir do século XVI, a revolução científica moderna rompeu com essa maneira de explicar o mundo e aplicou a matemática para fornecer a resposta metafísica do mundo. Tal modelo matematizante se inspirou em Platão que faz uma separação entre mundo ideal (matemático) e o mundo natural e transitório (empírico) (VIANA; SILVA, 2007, p. 3)

A cultura popular (dinâmica, orgânica e expressiva) surge paralela à cultura erudita (modelos rígidos e matematicamente construídos para ordenar o mundo), produzindo obscuridade dos conhecimentos e cisão entre vida e conhecimento. Garcia Canclini (2000) destaca que a cultura popular, imersa na tradição, pré-moderna, mas presente na contemporaneidade apresenta-se sob três aspectos estruturantes de formação e causa: a população não absorve a produção cultural urbana; os meios massivos de comunicação são oxigenados pela cultura popular que é negada e aproveitada como bem simbólico a ser reelaborado e depois consumido pelas classes não integradas à elite e sua cultura (legitimadora política dos processos de dominação de classe); a dinâmica vital dos processos de construção, apresentação, retro-alimentação da cultura popular.

Mas com frequência, sobretudo nas novas gerações, os cruzamentos culturais que vinham descrevendo incluem uma reestruturação radical dos vínculos entre o tradicional e o moderno, o popular e o culto, o local e o estrangeiro (GARCIA CANCLINI, 2000, p. 241).

A cultura popular apresenta-se como uma vivência emotiva, mutante, integral e cada parte não se desvincula do todo. Ela é desproporcional às formas rígidas da intelectualidade ocidental cartesiana que fragmenta e logo depois sintetiza (indução e dedução), limitando todo tipo de análise racional ao lógico-matemático-físico. Então a compreensão da educação se limita a esse processo moderno, indo de encontro ao saber amplo das comunidades que não se inserem completamente a esse modelo gnosiológico²: “[...] o folclore consiste em uma ‘educação informal’ que se dá ao lado da sistemática, uma educação que orienta e revigora comportamentos, faz participar de crenças e valores, perpetua um universo simbólico (BOSI, 2007, p. 79)”.

Folclore aqui na perspectiva de Ayala e Ayala (2006) é sinônimo de cultura popular. Não é do interesse nesse trabalho fazer a distinção, junto aos escritores assumimos como sinônimo. Eles destacam que tais manifestações culturais estão num processo dialético de transformação. Ora se torna uma reorganização de algumas determinações culturais vigentes, ora é usado como forma de enfrentamento aos padrões estabelecidos pela cultura dominante urbana e moderna. Tais manifestações culturais determinam, então, o caráter de popular observando como a produção dessa cultura é tipificada pelas condições sociais e econômicas de sua produção: “As práticas culturais só se mantêm, desaparecem ou se modificam à medida que os homens, vivendo sob certas condições econômicas e sociais, realizam ou deixam de realizar aquelas práticas” (AYALA; AYALA, 2006, p. 33).

As manifestações desses grupos específicos decorrentes de uma perspectiva marginal e que se torna de resistência: “Entre os últimos, estão as camadas populares urbanas e rurais e as comunidades indígenas [...]” (AYALA; AYALA, 2006, p. 41). Assim sendo, após contextualização, pode-se apresentar uma definição para Cultura Popular:

[...] criada pelo povo e apoiada numa concepção do mundo toda específica e na tradição, mas em permanente reelaboração mediante a redução ao seu contexto das contribuições da cultura ‘erudita’, porém, mantendo sua identidade (XIDIEH apud AYALA; AYALA, 2006, p. 41).

Assim, a produção da cultura popular não está desvinculada dos processos de contradição históricos, antagônicos e dinâmicos. Historicamente, a cultura popular parece

refletir a determinação das lutas de classes populares. Desse modo, pode-se perguntar quem são os produtores dessa cultura, suas articulações, realizações e práticas? Destaca-se ainda os sentidos construídos por esse sujeitos que não estão isolados, mas constroem identidade em meio ao contexto social de valores, critérios e manifestações dentro de elementos materiais populares, excluídos e marginalizados (AYALA; AYALA, 2006).

A cultura popular é criada às margens dos processos hegemônicos do capital, também pode ser legitimadora das estruturas de poder à medida que é tomada pela ideologia dominante e muitas vezes usada por esta para confirmação do *status quo* negação das contradições. Mesmo sendo embate e subsídio para resistência, é forma de cooperação, alimentando as forma de dominação das classes dominantes, tudo isso numa circularidade dinâmica. Há ainda uma forma de sobrevivência contida e circular em jogos, estratégias e táticas de sobrevivência.

A distinção estabelecida por Michel de Certeau entre estratégias e táticas constitui um recurso precioso para se pensar esta tensão (e evitar a oscilação entre as abordagens que insistem no caráter dependente da cultura popular e aquelas que exaltam sua autonomia). As estratégias supõem a existência de lugares e instituições, produzem objetos, normas e modelos, acumulam e capitalizam. As táticas, desprovidas de lugar próprio e de domínio do tempo, são 'modos de fazer' ou, melhor dito, de 'fazer com' (CHARTIER, 1995, p. 07).

Essas estratégias e táticas para uma produção popular que serve como sobrevivência não longe de ser conflituosa, mas necessitada de ser apresentada alhures, às vezes evidente, outras opaca, no mais das vezes invisível quando questionador, mas relacionada como fonte criativa e útil, pois não se manifesta apenas através de produtos próprios e também da capitalização como produção capitalista.

A reciprocidade existente dentro desses dois conceitos não anulam suas peculiaridades, ao contrário, as evidenciam sem a necessidade de subestimá-las ou reduzi-las a um só ponto de vista. Interessante e perceber que diferenças existem, se cruzam e podem resultar em benefícios mútuos (DUARTE, 2008, p.09).

Desse modo, é a partir da percepção de Certeau (1998) que se apresenta também: "a Cultura Popular não é um corpo considerado estranho, estraçalhado a fim de ser exposto, tratado e citado por um sistema que reproduz, com os objetos, a situação que impõe aos

vivos” (1998, p.89). Ela, então, está em processo de inter-relação entre as camadas de classes erudita/dominante, popular/subalterna, com fronteira não perceptíveis:

[...] cultura de um lado é aquilo que ‘permanece’; do outro aquilo que se inventa. Há por um lado, as lentidões, as latências, os atrasos que acumulam na espessura das mentalidades, certezas e ritualizações sociais, via opaca, inflexível, dissimulada nos gestos cotidianos, ao mesmo tempo os mais atuais e milenares. Por outro lado, as irrupções, os desvios, todas essas margens de uma inventividade de onde as gerações futuras extrairão sucessivamente sua ‘cultura erudita’ (p. 239).

Apesar do recorte para estudos das ditas culturas opostas que afirma que ambas estão em constante influência mútua, onde o popular e o erudito constituem uma circularidade, Chartier (1995) destaca que, ao diluir o conceito de cultura popular enquanto elemento de contradição histórica, pode-se correr o risco da neutralidade de diferenças, colocando em paralelo e harmonia o que não existe, a equivalência de valores de uma maneira equivocada: “Adotar tal perspectiva significaria esquecer que tanto os bens simbólicos como as práticas culturais continuam sendo objeto de lutas sociais onde estão em jogo sua classificação, hierarquização, consagração [ou, ao contrário, sua desqualificação]” (p.06).

Compreender ‘cultura popular’ significa, então, situar neste espaço de enfrentamentos as relações que unem dois conjuntos de dispositivos: de um lado, os mecanismos da dominação simbólica, cujo objetivo é tornar aceitáveis, pelos próprios dominados, as representações e os modos de consumo que, precisamente, qualificam [ou antes desqualificam] sua cultura como inferior e ilegítima, e, de outro lado, as lógicas específicas em funcionamento nos usos e nos modos de apropriação do que é imposto (p. 07).

A dinâmica da cultura popular expressa em suas manifestações diversos significados, ela não se estabilizou num passado negado pela modernidade e socialmente marginal, constrói-se paralelamente ao moderno, dialogando com diversas temporalidades. Como destaca Garcia Canclini (2000), tal processo é centrípeto, em que o excluído se expressa de forma a evidenciar e apresentar seu pensamento, seu modo de vida, seu valor de identidade na sociedade que exclui, marginaliza e destrói as identidades formadas historicamente:

O popular é nessa história o excluído: aqueles que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido e conservado; os artesãos que não chegam a ser artistas, a individualizar-se, nem a participar do mercado

de bens simbólicos 'legítimos'; os espectadores dos meios massivos que ficam de fora das universidades e dos museus, 'incapazes' de ler e olhar a alta cultura porque desconhecem a história dos saberes e estilos (GARCIA CANCLINI, 2000, p. 205).

Assim sendo, dentro das características expostas acima apresenta-se as manifestações culturais expressivas como forma de construção de identidade. Nessa perspectiva, é *mister* salientar a potencialidade como manifestação cultural humana elementar, pois através dele que se percebe o mundo, transformando-o e a si.

Considerações finais

A definição de identidade que pode ser feita sob diversas perspectivas necessita de parâmetros reflexivos fundamentais para escolher e analisá-la não só como conceito formal em diversas ciências da humanidade, mas também como construção contextual e sua relação com a cultura popular.

A identidade do ponto de vista sócio-antropológico é uma amalgama de relações que passa pela análise reflexiva de uma contemporaneidade que de alguma maneira é uma crise de definições, ou seja, crises identitárias. Dizer o que "somos" é também dizer o que "fomos", mas impossibilitados de compreender o que "seremos", dado a instabilidade com que o tempo presente se apresenta.

A cultura popular pode ser um construção não terminada, flexível, de uma identidade de interface, em que há uma mistura entre diversas particularidades de forma que mesmo assim se exalta os elementos de diferenciação.

Dessa forma, a cultura, certa na tradição ocidental, torna-se mercadoria, ou melhor é dicotomizada em contexto marginal. Nessa interface, identidade é possível de se retratar, ao menos em seus fragmentos, dado que ela é metáfora humana, pois além de sobreviver no processo capitalista, torna-se atípica forma de enfrentar a realidade moderno-capitalista. Em outras palavras é um antídoto para o veneno da fragmentação identitária. Mas correndo o risco de ser também entorpecente nos processos do capital nesta contemporaneidade onde será constantemente alterada pelos princípios (legitimação, resistência e projeto nacional) que a norteiam, a depender da intensidade de suas forças.

Referências

AYALA, Marcos; AYALA, Maria I. N. **Cultura popular no Brasil**. São Paulo: Ática, 2006.



BAUMAN, Zygmunt. De peregrino a turista, o una breve historia de la identidad. In: HALL, Stuart; GAY, Paul du (Com). **Cuestiones de identidad cultural**. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2003a. p. 40-68.

_____. **Comunidade**. São Paulo: Jorge Zahar Editora, 2003b.

_____. **Identidade**. São Paulo: Jorge Zahar Editora, 2005.

BOSI, Ecléia. **Cultura de massa e cultura popular: leituras operárias**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e Etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Editora Brasiliense, [19--].

CERTEAU, Michel. **A invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. "**CULTURA POPULAR**": revisitando um conceito historiográfico. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, p.179-192, 1995.

DUARTE, Aninha. **Circularidade Cultural dos Objetos: descontextualizações e cruzamentos poéticos na Arte e Cultura**. In: XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. 08 a 12 de setembro de 2008, São Paulo. Anais. ANPUH/SP – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. p. 01-13.

GARCIA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. São Paulo: DP&A Editora, 2000.

_____. Introducción: ¿quién necesita "identidad"? In: HALL, Stuart; GAY, Paul du (Com). **Cuestiones de identidad cultural**. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2003. p. 13-39.

MARTINO, Luís M. Sá. Comunicação e identidade: quem você pensa que é? São Paulo: Paulus, 2010.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. "Festas Populares" In: GADINI, Sérgio Luiz, WOLTOWICZ, Karina Janz (Orgs.) **Noções básicas de Folkcomunicação**. Ponta Grossa (PR): UEPG, 2007, p. 107-112.

VIANA, Moises dos Santos; SILVA, Sandra Lúcia da Cunha e. VISAOSISTÊMICA: UMA NOVA FORMA DE CAMINHAR. In: **Enciclopédia Biosfera**. Goiânia, v. 04, p. 2007/B/1-2007/B/7, 2007.



VIANA, Moisés dos Santos. Múltiplos aspectos da identidade na era da comunicação. In: **Revista Espaço Acadêmico**. Marigá, n. 118, pp. 176-179, Mar. 2011.

Internet

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: **Mundo geo!** Geografia - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2005. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/mundogeo/geopolitica/more/stuarthall.htm>>. Acesso em: 08 de mai. de 2008.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meiro. **A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos**. In: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Covilhã (Portugal): Universidade da Beira Interior, 2005. Disponível em: <<www.bocc.ubi.pt/pag/trigueiro-osvaldo-espetacularizacao-culturas-populares.pdf>>. Acesso em: 13 de abr. 2009.